“A gente queria o quê? Um domingo”: Memórias nostálgicas e identidades territoriais de torcedores organizados do Riograndense Futebol Clube

Mateus Cordenonsi Bonez

Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria.

Email: bonezmcb@gmail.com

Maria Catarina Chitolina Zanini

Doutora em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade São Paulo. Professora titular da área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. Foi visiting schoolar na Università Ca' Foscari, na Itália. Pesquisadora Pq 2 CNPQ.

Email: zanini.ufsm@gmail.com

Resumo

Este artigo exibe um cenário de identificações e pertencimentos relacionado a torcedores organizados do Riograndense Futebol Clube, instituição com origem ferroviária da cidade de Santa Maria-RS. Esse clube não conta com equipe profissional desde 2017 e, ao longo do tempo, passou por períodos de crise e intermitência. O principal objetivo, por meio de dados etnográficos produzidos pela observação participante com torcedores organizados e pela interpretação de três cânticos de torcida, é mostrar o delineamento de um contexto no qual identidades torcedoras são construídas. Desse modo, de acordo com uma etnografia realizada entre 2022 e 2024, o presente texto busca salientar como o passado, tanto ferroviário quanto futebolístico, permeia relações de pertencimento entre parte da torcida do Riograndense. Assim, são apresentadas informações acerca de construções de identidades cujas características sublinham vínculos territoriais, rivalidades provenientes de *bifiliações clubísticas*, heranças ferroviárias e memórias nostálgicas.

Palavras-chave: torcedores organizados; memória e identidade; bifiliações clubísticas; heranças ferroviárias; nostalgia.

"What we want? A sunday": Nostalgic memories and territorial identities of organized fans of Riograndense Futebol Clube

Abstract

This article presents a scenario of identifications and belongings related to organized fans of Riograndense Futebol Clube, an institution with railway origins in the city of Santa Maria-RS. This club has not had a professional team since 2017 and, over time, has gone through periods of crisis and intermittency. The main objective, through ethnographic data produced by participant observation with organized fans and the interpretation of three fan chants, is to show the outline of a context in which fan identities are constructed. Thus, according to an ethnography carried out between 2022 and 2024, this text seeks to highlight how the past, both railway and football, permeates relationships of belonging among part of the Riograndense fans. Thus, information is presented about identity constructions whose characteristics highlight territorial ties, rivalries arising from club affiliations, railway heritages and nostalgic memories.

Keywords: organized fans; memory and identity; club double affiliation; railway heritages; nostalgia.

Introdução

Este artigo diz respeito a parte de uma pesquisa etnográfica realizada entre abril de 2022 e fevereiro de 2024 junto a torcedores[1] de futebol identificados com o Riograndense Futebol Clube[2], instituição futebolística com origem ferroviária da cidade de Santa Maria-RS. O propósito da investigação foi buscar compreender de que forma são produzidas identidades torcedoras, tanto de torcedores comuns quanto de torcedores organizados do Riograndense.[3]

Sob esse panorama, o presente artigo expõe um recorte da pesquisa empírica que se desenvolveu perante narrativas de si de torcedores organizados e por meio de conteúdos mnemônicos presentes em cânticos de duas torcidas organizadas. Sob esta ótica, as linhas subsequentes versam sobre dados e reflexões provenientes do que emergiu de narrativas de si erigidas em encontros etnográficos (Crapanzano, 1998) realizados em uma atmosfera construída pela observação participante (Foote Whyte, 2003). Mediante isso, o contexto futebolístico e torcedor do Riograndense, o qual conformou a etnografia, é apresentado e analisado.

A pesquisa também norteou-se metodologicamente em conformidade com sugestões acerca da viabilidade e da proficuidade dos cânticos de torcida tomados enquanto fontes orais[4]. Segundo Malaia (2018), os cânticos nos oferecem vias de acesso ao passado e são meios coletivos de recordação. Esse historiador, ademais, ressalta o potencial de investigações operacionalizadas com o site *YouTube*, uma vez que essa plataforma armazena bilhões de vídeos e arquivamentos interessantes para a pesquisa em história oral. Ante essa inspiração metodológica, o presente empreendimento etnográfico se debruçou sobre o passado contido em dois cânticos de duas torcidas organizadas distintas, no intento de compor parte da pesquisa cujo foco principal foi orientado por uma postura influenciada pela *etnografia da duração* (Rocha; Eckert, 2013), a qual coloca em relevo significados provenientes do passado. Esse tipo de etnografia, entre outras coisas, esforça-se em apresentar construções propulsionadas por memórias biográficas em contextos citadinos, destacando um olhar atento ao que é expressado narrativamente e às memórias evocadas que fazem identidades durarem no tempo (Rocha; Eckert, 2013).

Em vista disso, o presente texto exibe um cenário etnográfico pelo qual são analisadas idiossincrasias de um espectro de identidades e alteridades marcado por relações de indissociabilidade entre memória, identidade, espaço e nostalgia. Essas relações, visíveis em determinadas narrativas de si, concernem com memórias e sentimentos assentados na espacialidade ferroviária e nas práticas e narrativas saudosistas relativas a jogos e sociabilidades de outrora.

Assim sendo, a investigação compreendeu as produções de identidades de torcedores esmeraldinos enquanto engendramentos de relações e afirmações comunitárias incitadas pelos redutos

---

[1] O presente texto versa sobre torcedores do gênero masculino em um contexto de futebol praticado por homens.

[2] O Riograndense também é conhecido e chamado de *esmeraldino*, *rubro-esmeraldino*, *Periquito* (em alusão a mascote), *Dense*, *Gandense* e *clube/time dos ferroviários*. Além desses nomes, o texto também utiliza a abreviação RFC.

[3] A pesquisa completa diz respeito a uma etnografia realizada por Bonez (2024) em sua tese de doutorado ligada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Além dos torcedores esmeraldinos, o futebol de botão/mesa, com seus praticantes (botonistas) e os objetos materiais desse jogo/esporte, compôs outra parte crucial da etnografia. Dessa forma, em meio a relações que mesclaram o jogo de botão, os objetos materiais e os símbolos clubísticos e torcedores presentes em times de botão e outros materiais, uma categoria chamada *botonistas-torcedores* foi criada, na esteira de reflexões sobre a indissociabilidade do futebol de botão/mesa com o torcer (Bonez, 2024).

ferroviários da cidade. Nesse contexto, procedências ferroviárias e esportivas aglutinaram-se nas construções de identidades torcedoras.

Para expor o delineamento etnográfico, o texto se divide em cinco subtítulos, mais considerações finais. O **primeiro** situa historicamente a cidade e a importância ferroviária em sua conformação. O **segundo** expõe, principalmente, um conteúdo sobre os coletivos torcedores ligados ao Riograndense, apresentando, também, informações sobre características que distinguem torcidas dos tipos TO e barra. O **terceiro**, seguindo o que propulsiona um cântico da Torcida Organizada do Riograndense (T.O.R), trata de identificações torcedoras e territoriais, bem como de sentimentos sobre a atual e angustiante situação do RFC. O **quarto** se debruça sobre as rivalidades e *bifiliações clubísticas* (Souza Júnior; Andrade; Toledo, 2021; Vasconcelos, 2011; 2014) no futebol santa-mariense, destacando dois cânticos da torcida Ferroviários 78. O **quinto** conta com um diálogo entre dados etnográficos e conceitos que intenta sinalizar a importância das manifestações territoriais para a construção das identidades torcedoras em questão. O **sexto**, por fim, elabora uma discussão referente à nostalgia presente em memórias e identidades rubro-esmeraldinas.

Santa Maria: uma cidade ferroviária

A cidade de Santa Maria, localizada no centro do Rio Grande do Sul, em região geográfica chamada de depressão central, atualmente possui uma população aproximada de 271.735 habitantes (IBGE, 2022). É uma cidade média com intensa atividade universitária, principalmente devido à presença da Universidade Federal de Santa Maria. Também conta com muitos quartéis do Exército Brasileiro e uma Base Aérea da Força Aérea Brasileira. De modo geral, Santa Maria é conhecida pelas dinâmicas sociais, culturais e econômicas provenientes dos/as habitantes ligados/as às universidades e às atividades militares. Entretanto, há um espaço social ferroviário que conforma uma cidade ferroviária em meio a cidade como um todo. Um espaço não apenas concebido territorialmente, mas também por símbolos, relatos e imagens atreladas às estradas de ferro e ao trabalho ferroviário (Mello, 2002).

A ferrovia, em Santa Maria, provocou intensas modificações sociais, culturais e econômicas. Foi a partir da atividade ferroviária, das vilas ferroviárias e das relações sociais relativas a esse universo laboral, que a cidade prosperou em termos de progresso e de mudanças urbanas (Flôres, 2005). Por conseguinte, o futebol, fenômeno e esporte moderno, se desenvolveu com os trilhos, assim como em diferentes partes do globo. Como podemos ver no mapa a seguir, Santa Maria, a principal cidade da região central do Rio Grande do Sul, foi um polo e entroncamento ferroviário imprescindível para o Brasil meridional.

Figura 1: Malha ferroviária do Rio Grande do sul em 1934. Fonte: Flôres (2005).

Por meio do trabalho ferroviário, dos núcleos de vivências, das construções e das comunidades, a cidade progrediu e, diante de mudanças econômicas, sociais e culturais, sobretudo no concernente a um crescimento urbano, consolidou-se enquanto polo ferroviário e referência regional (Flôres, 2005). Dentro desse quadro, as dinâmicas ferroviárias ocorreram conforme as novas formas de organização capitalista no Brasil, elaborando, também, modelos de trabalhador e de família (Franchi da Silva, 2013).

A ferrovia, em solo santa-mariense, foi inaugurada no ano de 1885 (Belém, 2000), com a presença de administradores e trabalhadores belgas. Depois, em 1905, tornou-se uma estatal vinculada ao âmbito estadual, sendo administrada pela Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), empresa pública que durou até 1957, quando esta, após decreto, foi abarcada pelo serviço federal. Assim, surgiu a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). Posteriormente, em 1997, ocorreu a privatização do serviço ferroviário federal, evento que modificou demasiadamente as características e a amplitude do trabalho ferroviário (Flôres, 2005).

O futebol, em meio as intensas trocas culturais incitadas pela ferrovia e pelas viagens de trem, disseminou-se e se consolidou localmente muito em função do Riograndense Futebol Clube, instituição criada em 7 de maio de 1912 para dar conta dos anseios dos trabalhadores ferroviários e das famílias ferroviárias no que tange ao lazer. Esse clube não foi a primeira organização futebolística da cidade, porém alcançou, dentro de poucos anos, um grande prestígio da sociedade e da imprensa da época, seguindo os rastros de bons resultados nos gramados (Lima, 2020).

O Riograndense teve seu auge futebolístico, notadamente, nos tempos de VFRGS. Foi nesse período que, por exemplo, sagrou-se vice-campeão gaúcho, quando perdeu a final para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense[5]. Durante os tempos de RFFSA, o clube figurou em importantes competições e obteve êxitos, como o título da Divisão de Acesso do Gauchão de 1978, conquista bastante presente em memórias institucionais e torcedoras. Desde meados do século XX, o clube afastou-se gradativamente

[5] Esse confronto, inclusive, diz respeito ao primeiro título estadual do Grêmio.

do suporte ferroviário em sua administração, como foi percebido com a crescente desvinculação das entidades ferroviárias a partir dos anos 1970 (Flôres, 2012).

Nessa conjuntura, o clube esmeraldino foi balizado pelas movimentações ferroviárias, as quais apresentaram intensas mudanças administrativas e laborais. Essas dinâmicas organizacionais e econômicas reverberaram nas vilas, nos bairros e no futebol, fazendo com que o RFC tivesse, em sua história centenária, um importante norte ferroviário, com destaque para, além dos atletas ferroviários, a torcida primordialmente composta pelas famílias ferroviárias (Tittelmeyer *et al*, 2012)

Muitos clubes, em diversos locais do globo e do Brasil, foram fundados de acordo com atividades ferroviárias, principalmente devido às iniciativas correspondentes ao lazer dos trabalhadores, às famílias, aos bairros e às vilas construídas nas redondezas das estradas de ferro e das estações de trem. Com o Riograndense não foi diferente.

O RFC é da Região Norte de Santa Maria, como podemos ver na imagem a seguir. Essa região contém os bairros Carolina, Caturrita, Chácara das Flores, Divina Providência, Salgado Filho e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A torcida esmeraldina é bastante conectada ao bairro do Estádio dos Eucaliptos (sede e campo de jogo do clube), o Nossa Senhor do Perpétuo Socorro, e ao vizinho Itararé (da região nordeste). O Itararé não está localizado oficialmente na região Norte, mas vincula-se à Zona Norte por meio de sentidos e pertencimentos afirmados e expostos entre os interlocutores. Isso ocorre, também, com o bairro Campestre do Menino Deus (da região nordeste), pois conta com muitos moradores que outrora foram trabalhadores ferroviários.

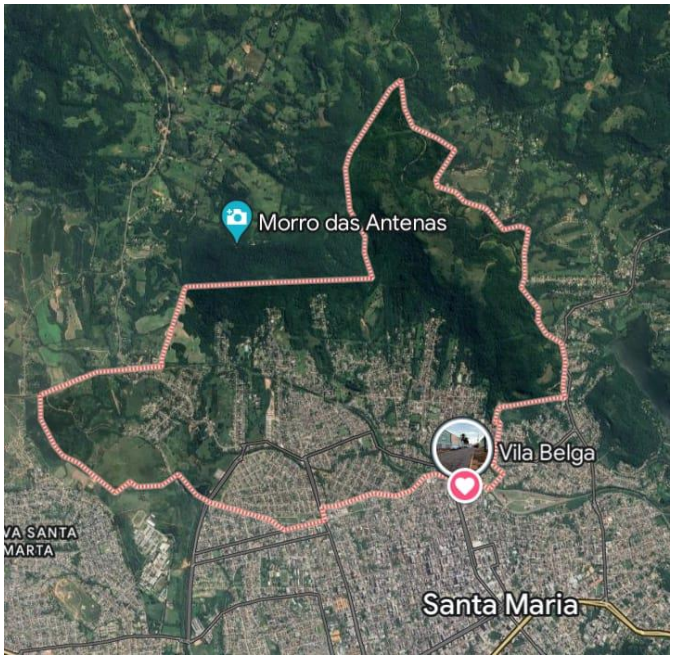

Figura 2: Zona Norte de Santa Maria. Fonte: Google Maps.

Figura 3: Estádio dos Eucaliptos: Fonte: Acervo pessoal de Bonez.

Torcedores organizados do Riograndense

As linhas subsequentes versam sobre conteúdos oriundos de um processo de interlocução construído junto a torcedores organizados ligados ao Riograndense, principalmente aqueles que fizeram parte da Torcida Organizada do Riograndense (T.O.R), coletivo fundado em 2012 e extinto em 2022.

Os torcedores em questão foram os primeiros a despontar como interlocutores da pesquisa de doutorado realizada por Bonez (2024), ao mesmo tempo em que abriram as portas para que algumas práticas e interações no Estádio dos Eucaliptos fossem observadas.

Os membros da T.O.R costumavam se encontrar com frequência no estádio, mas não só em dias de jogos. A maioria dos encontros ocorreram no bar Locomotiva, localizado lá. E esse é "um baita negócio do Riograndense", como, certa vez, disse Otávio, membro da T.O.R. Segundo ele, ter um bar à disposição "pra galera do bairro" faz toda a diferença e ajuda na concentração de pessoas, uma vez que a sede do clube do coração é o bar no qual os amigos/companheiros de torcida se encontram para beber.

Além dessa torcida, outro coletivo emergiu durante a etnografia, a Riograchopp[6], da qual Bonez participou da fundação. Esse coletivo foi criado no início de 2024, já na reta final da pesquisa de campo, e, diferentemente de outras experiências, almejou aproximar torcedores/as seguindo preceitos da ideologia *chopp*, que, segundo eles, idealizaria uma nova forma de torcer no contexto do RFC, na qual a cerveja e as bebedeiras importariam mais que outras práticas. Ainda, a Glorioso Esmeraldino e a Ferroviários 78 estão incluídas nessa conjuntura. São duas torcidas que, como a T.O.R, não existem

[6] Essa torcida foi muito importante para a etnografia completa. Aqui, não aparecerá com centralidade, porém os dados construídos nas interlocuções com seus membros serão foco de outro artigo, especialmente para tratar da iniciativa orientada pela "ideologia chopp" e seus efeitos em práticas torcedores ligadas ao RFC. Conforme Lessa (2024), seguindo uma formulação de tipos ideais sobre as torcidas do tipo *jovem*, *barra* e *chopp*, esta última se caracteriza, entre outras coisas, pelo repúdio à violência.

mais. No entanto, como veremos, por exemplo, na interpretação de dois cânticos da Ferroviários 78, contribuem muito para o que se pretende aqui.

Dentro desse quadro, duas noções acerca do torcer balizam os discernimentos aqui elaborados, a saber: *pertencimento clubístico* (Damo, 1998) e *pertencimento torcedor* (Souza Junior; Andrade; Toledo, 2022). O primeiro conceito refere-se a um desenvolvimento acerca das identidades sociais de sujeitos torcedores inseridos em uma *comunidade de sentimento* relativa a algum clube de futebol. Sob esse prisma, sentimentos de pertença são produzidos em consonância com uma comunidade na qual, mesmo que não existam laços de proximidade prévios entre seus membros, se erige enquanto uma comunidade afetiva (Damo, 1998). De acordo com essa elaboração, o torcedor é mais que apenas um indivíduo, pois está integrado a uma *comunidade de sentimento* (Damo, 2012).

Além dessa importante conceituação, outros autores nos oferecem acepções que permitem reflexões que extrapolam o clubismo. É o caso da noção de *pertencimento torcedor*. Conforme Souza Júnior, Andrade e Toledo (2022): "Pertencimento torcedor conceitua atos contínuos e inconclusos, operador de sociabilidades menos reificadas pela centralidade do clubismo". Para balizar alguns pormenores, aqui, ela nos outorga uma ótica pela qual outros tipos de associativismo erguem-se com centralidade (Souza Junior; Andrade; Toledo, 2022).

Em abril de 2022, em incursão etnográfica que principiou a inserção em campo de Bonez, ocorreu um encontro com seis membros da T.O.R. À época, a torcida, que fora criada em 2012, contava com aproximadamente 30 participantes. A maioria deles já possuía experiências com torcidas organizadas, notadamente do Grêmio (principalmente a Torcida Jovem do Grêmio e a Geral do Grêmio). Esse coletivo foi extinto em 2022, depois de dez anos de existência. A despeito disso, alguns torcedores se mantiveram atentos a outras possibilidades de darem continuidade a formas de torcer coletivas e organizadas.

Antes de acontecer o fim da torcida, foi possível entrar em contato com informações significativas acerca dos torcedores e do próprio clube. Os encontros com a T.O.R, especialmente, permitiram que o clube, o estádio e o bar dos Eucaliptos fossem acessados etnograficamente. No primeiro contato, realizado em um fim de tarde no bar Locomotiva, em área destinada ao lazer dos torcedores e dos sócios, três homens contaram sobre histórias de vida e suas relações com o Riograndense, impulsionando a etnografia que se desenrolaria até 2024. Na mesma conversa, estavam presentes duas mulheres, também ligadas à torcida.[7].

No caminho aberto pelo grupo em questão, Caio, torcedor fanático do RFC, que já havia tido experiências com outra torcida organizada, emergiu enquanto interlocutor imprescindível. Ele, que era morador da Zona Norte, foi um dos idealizadores da Glorioso Esmeraldino, a qual, segundo ele, não era TO e tampouco barra, mas uma "torcida de resgate histórico". Evidentemente, como se percebe no *site* dessa torcida[8], o teor memorial é fulcro. Caio também era membro da Geral do Grêmio, uma barra do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense. Entretanto, no tocante ao Riograndense, ele prefere fazer parte de uma TO. Ao ser perguntado do porquê dessa decisão, disse que a T.O.R, diferente da barra Ferroviários 78, contava com mais pessoas vinculadas ao bairro e à Zona Norte.

[7] O Riograndense, nos anos 1950, contou com uma torcida uniformizada composta por filhas e parentes de jogadores (muitos eram ferroviários). Esse grupo foi chamado de *Periquitas*, depois de alusões pejorativas feitas por torcedores adversários (Cardoso, 2013). Até os dias de hoje, essas mulheres são relembradas entre torcedores e torcedoras esmeraldinas.
[8] Acesso em: https://glorioso-esmeraldino.webnode.page/.

Dito isso, antes de prosseguir, faz-se necessário explicar algumas diferenças básicas entre tipos de torcidas organizadas. A T.O.R foi um coletivo orientado pelas características e condutas de um tipo conhecido como TO. Aqui, me refiro às TOs como grupos organizados e burocratizados que surgiram no futebol brasileiro desde meados do século XX. Dessa maneira, como sugere Pinto (2022), as TOs, (ou Torcidas Organizadas, escritas com as iniciais maiúsculas) referem-se a uma forma de torcer brasileira, marcada, entre outros elementos, pela autonomia em relação aos clubes e pelas estruturas hierarquizadas compostas por dirigentes próprios. Dentro dessa discussão, a expressão *torcidas organizadas*, escrita com as iniciais minúsculas, abarca outros coletivos e outras formas de torcer, ao passo que Torcidas Organizadas (TOs) concernem com um típico modo de torcer brasileiro. Além dessas características, as TOs se distinguem por meio de símbolos característicos, como o uso de uniformes, as músicas e ritmos provenientes do samba-enredo, o uso de bandeirões etc.

Há ainda outro ponto significativo a ser mencionado: a categoria êmica *pista,* que corresponde a confrontos e brigas entre torcidas organizadas, como também a uma conduta torcedora sublinhada por determinada disposição para a briga (Carvalho, 202). Assim, há torcidas que são compreendidas e distinguidas por serem organizadas de pista, isto é, grupos dispostos a confrontos com coletivos rivais, muitas vezes estimulados por anseios direcionados a defesas de territórios (Carvalho, 2019).

Além do exposto, as TOs se diferem de outros tipos de torcidas organizadas, como as do tipo barra, que são coletivos torcedores marcados por práticas oriundas de torcidas organizadas, inicialmente, da Argentina. As barras, também, são torcidas que se diferenciam por outras práticas e outra materialidade. Se distinguem, entre outras coisas, pela não utilização de uniformes, pelo ritmo ditado pelo instrumento murga[9], bem como pelo uso de "trapos" e barras[10] nas arquibancadas, em detrimento dos bandeirões das TOs (Malaia, Oliveira, 2022).

As barras são diferentes das TOs, assim como das torcidas organizadas do tipo Ultras, grupos característicos do leste da Europa, e dos *hooligans* europeus[11]. Esse tipo é latino-americano e emergiu primeiramente de um contexto ditatorial autoritário na Argentina. Nesse período, e ao longo dos anos, se caracterizaram por serem grupos que frequentavam os estádios em setores mais baratos (Malaia, Oliveira, 2022).

No condizente às barras brasileiras, conforme nos diz Oliveira (2023), elas surgiram primeiro no Rio Grande do Sul, mais especificamente nos grandes clubes de Porto Alegre. Isso ocorreu devido a rupturas entre outras torcidas organizadas e os clubes em um contexto de influências platinas, facilitado pela proximidade com os países banhados pelo Rio da Prata. Desse jeito, sendo a Geral do Grêmio a primeira barra brasileira, seguida da Guarda Popular do Internacional, o futebol gaúcho e brasileiro foi abarcado por um processo de *platinização do torcer* (Oliveira, 2023).

A torcida Ferroviários 78, extinta há mais de dez anos, foi um coletivo do tipo barra, muito importante para a história recente do Riograndense, especialmente em campanhas na Divisão de Acesso

---

[9] Instrumento de percussão que conta com um bumbo e um pequeno prato acoplado no corpo do tambor. O percussionista, por sua vez, segura outro prato, e uma baqueta, para tocar.

[10] Segundo Oliveira (2023), as barras, nos estádios, se apresentam marcadamente pelos trapos, como são denominadas as faixas. Além disso, se distinguem, nas arquibancadas, pelos usos de materiais parecidos com tirantes (faixas verticais e horizontais com as cores dos times). "Essas barras ficam esticadas do topo até o final da arquibancada, promovendo uma estética diferenciada que os espectadores podem facilmente visualizar no estádio onde elas estão concentradas (Oliveira, 2023, p. 108).

[11] Para mais informações sobre torcidas organizadas, como Ultras, Hooligans, Barras e TOs, ver Malaia & Oliveira (2019), Oliveira (2023). Em relação ao *hooliganismo*, que é um fenômeno social e problema social ao mesmo tempo que uma categoria analítica, ver Dunning (1992).

do começo da segunda década dos anos 2000. Essa torcida, como podemos ver em vídeos no *YouTube*, e conforme o que disseram muitos torcedores, era muito próxima da Geral do Grêmio, tanto no relativo aos membros quanto à forma de torcer.

O Cântico da T.O.R

A seguinte letra foi escrita pela Torcida Organizada do Riograndense (T.O.R) durante o acompanhamento da Divisão de Acesso do Gauchão na década de 2010. Segundo o interlocutor Caio, a autoria está diluída entre os indivíduos que formavam a T.O.R na época e diz respeito a uma produção balizada pelo samba e por instrumentos de percussão, como o surdo, a caixa e o tarol. Em 2022, essa canção foi ouvida nas arquibancadas dos Eucaliptos, porém não pôde ser gravada. Posteriormente, Caio enviou a letra que vemos a seguir.

Domingo

Domingo eu vou pro bairro da estação.
Pra ver o time campeão.
Vou levar foguetes e bandeiras.
Não vai ser brincadeira, ele vai ser campeão! Vai sim!
Não quero cadeira numerada, eu vou na tijolada, pra ter mais emoção.
Meu time joga pra vencer e o nome é vocês que vão dizer!

Esse cântico apresenta uma preocupação com um dia sagrado do futebol, ao mesmo tempo em que chama a atenção para elementos mnemônicos ligados aos tempos áureos da ferrovia em Santa Maria, como está nítido na frase "Domingo eu vou pro bairro da estação". A estação, e, sobremaneira, o bairro na qual está localizada, como também as idas e vindas, chegadas e partidas, características da antiga atmosfera ferroviária, nos informam sobre aspectos significativos para o Riograndense e sua torcida. A estação principal, conhecida como GARE da Estação, não está situada no bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde fica o Estádio dos Eucaliptos, mas está presente em memórias da Zona Norte e nas sociabilidades torcedoras.

A T.O.R, por outro lado, também afirma identidades por meio do cântico na medida em que menciona suas bandeiras e foguetes, materiais importantes para ressaltar identidades e distinguir torcedores organizados de torcedores comuns. Há, nesse grupo, como em outros coletivos torcedores, uma preocupação com a materialidade torcedora. No caso das torcidas do tipo TOs, os bandeirões e as camisas de torcida, com suas artes e grafismos peculiares, são pontos relevantes. Segundo Toledo (1996), bandeirões, instrumentos e outros objetos que conformam a materialidade das torcidas, são motivos de prestígio, pois dizem respeito a materiais que, como nos casos dos grandes bandeirões, contaram com investimento em dinheiro e difíceis confecções. Ademais, como destaca Carvalho (2019), as faixas são os itens mais importantes no estádio, uma vez que demarcam lugares e comprovam presenças. Nesse sentido, são objetos desejados, o que faz com que sejam defendidos pelos torcedores organizados.

Os membros da T.O.R, como o cântico anuncia, não querem cadeiras numeradas, mas a arquibancada de concreto, pois olham os jogos em pé e não ficam quietos. Ainda, como o termo "tijolada" nos oferece na letra, que também condiz com o material da arquibancada, a violência se faz presente. A "tijolada", metaforicamente, permite-nos compreender o papel da violência e dos embates entre torcedores organizados, salientando um espírito de "pista" da torcida, a qual, mesmo inativa ou com poucos membros, apresenta memórias de algumas "confusões".

O cântico em questão, em incipiente inserção em campo, foi marcante para a etnografia, pois demonstrou o apego às raízes locais da torcida em um contexto de preocupações e angústias com a atual situação do clube.

O Riograndense passou por diferentes períodos ferroviários, os quais reverberaram no âmbito esportivo. Nos anos 1980, por exemplo, já sem muitos investimentos da ferrovia, o clube fechou e, diferentemente de 2017, quando ocorreu o fim "apenas" do futebol profissional, todas as atividades foram encerradas.

O seguinte trecho do livro do centenário do RFC esclarece alguns fatos sobre o que está sendo dito.

> Nos anos 1980, com o total descaso governamental e o consequente desmantelamento da Viação Férrea (federalizada ainda em 1957), ocorrido em todo o país em favor do transporte rodoviário, com problemas financeiros e sociais, o Clube perdeu sua principal estrutura social e financeira, desfiliando-se temporariamente da Federação Gaúcha de Futebol (Tittelmeyer et al., 2012, p. 77).

Atualmente, o Periquito não conta com time profissional, fato constantemente rememorado e narrado, tanto por rivais quanto por torcedores comuns e organizados. Há, desde 2017, uma incômoda espera e a expectativa de uma volta. Dentro disso, é necessário ressaltar que o RFC mantém atividades em categorias de base e que participa de competições regionais e estaduais. Torcedores/as e familiares de atletas acompanham jogos, frequentam o clube e as arquibancadas. Apesar disso, entre muitos torcedores do Gandense, principalmente entre torcedores comuns, o clube é percebido como tendo "acabado", "fechado" ou, como sinalizam alguns torcedores rivais, "morrido". Nessa atmosfera, há intensas preocupações com uma volta às competições oficiais da Federação Gaúcha de Futebol (FGF).

A seguir, três imagens provenientes de artigos jornalísticos evidenciam e representam a angústia da torcida esmeraldina. A primeira, de 2017, sublinha o "fim" do time profissional, e as outras, do ano de 2024, tratam do aguardadíssimo anúncio de retorno e, logo depois, do cancelamento do mesmo.

Penúria

Riograndense-SM desiste de continuar na Terceirona

Clube passa por dificuldades financeiras e pode até fechar as portas

01/06/2017 - 21h37min
Atualizada em 01/06/2017 - 21h39min

RAFAEL DIVERIO
Enviar email

Figura 4: Recorde de notícia acerca dos últimos momentos em competições da Federação Gaúcha de Futebol (DIVERIO, 2017). Fonte: Jornal Zero Hora.

Desde essa notícia, o clube não conseguiu retomar a equipe profissional e a presença em competições oficiais da FGF. Segundo o que o artigo acima mostra, assim como muitos relatos de dirigentes e torcedores, o fechamento se deu devido a impossibilidade de se enquadrar a exigências estruturais. Isso acarretou a desistência da equipe durante a Terceirona (como é conhecida a terceira divisão do Gauchão, que oficialmente se chama Série B), episódio que ensejou o impedimento de filiação à federação durante dois anos.

"Confirmamos a volta ao futebol profissional. É uma vontade de todos no clube", afirma dirigente do Riograndense

POR GILSON ALVES | 08/03/2024 14:36
Atualizado em: 08/03/2024 18:38

659
Shares

Figura 5: Recorte de notícia sobre a retomada do futebol profissional (ALVES, 2024). Fonte: Jornal Diário de Santa Maria.

Essa imagem salienta a esperança da volta que permeou boa parte do ano de 2024. Todavia, como vemos a seguir, o clube passou por mais percalços que impossibilitaram a tão sonhada volta aos embates profissionais de futebol.

Figura 6: Recorte de notícia referente a uma rápida desistência (SANTOS, 2024). Fonte: Jornal Diário de Santa Maria.

Essas três imagens, de certo modo, representam parte da pesquisa etnográfica realizada com torcedores/as do Riograndense, pois refletem uma atmosfera repleta de percepções, memórias e sentimentos que recorrentemente emergiram frente às expectativas e preocupações de uma volta e retomada do clube.

Fernando, torcedor esmeraldino de 45 anos, membro da T.O.R e morador da Zona Norte, certa vez, conversando sobre o surgimento da torcida, disse o seguinte: "E a gente queria o quê? Queria beber, se divertir". No diálogo, também estavam presentes outros membros da T.O.R e Renato, torcedor de 32 anos, completou: "Era aquela junção... A gente queria o quê? Um domingo." (Trecho do diário de campo de Bonez).

Dessa forma, dados etnográficos relacionados a sentidos acerca do passado emergiram com inclinações nostálgicas, cujas expressões, oriundas de narrativas de si e de práticas de sociabilidade, apontaram que, em consonância com a intermitência esportiva e ferroviária, os sentimentos e as narrativas saudosistas criam identidades clubísticas e torcedoras associadas ao Riograndense. O cântico mostrado acima, nessa direção, é uma manifestação que, além de outras afirmações, realça o domingo, dia sagrado que, desde 2017, não se faz presente no futebol profissional. Aqui, para além dos jogos, há saudades das sociabilidades, sobretudo daquelas práticas presentes no entorno do Estádio dos Eucaliptos. Fernando, por exemplo, nas interlocuções realizadas em 2022, ressaltou a importância de um ponto de encontro: um posto de combustível localizado a aproximadamente 500 metros do estádio. Segundo ele, era ali que a torcida se reunia para beber, conversar e esperar o horário do jogo. Além disso, como o posto ficava no caminho dos ônibus que transportavam os times adversários, era lugar estratégico para recebimentos carregados de xingamentos direcionados aos visitantes. Fernando, ao falar disso, afirmou sentir muita falta, já que todos eram do bairro e, além de serem amigos, "lutavam pelo clube".

A rivalidade Rio-Nal

O maior rival do Riograndense é o Esporte Clube Internacional, fundado em 1928. Essa instituição foi criada, inclusive, por indivíduos que almejavam vencer o Riograndense, o qual despontava como principal equipe santa-mariense, tanto no que toca aos embates futebolísticos com outros times locais quanto ao prestígio evocado pela população e pela imprensa (Lima, 2022; Luz, 2008).

Há, em Santa Maria, no espectro de rivalidades que edifica pertencimentos clubísticos (Damo, 1998), uma poderosa relação de *bifiliação clubística* (Campos; Toledo; 2013; Vasconcelos, 2011; 2014), a qual interfere diretamente em adesões e escolhas inerentes ao torcer. O/as torcedor/as do tipo *bifiliado* são aqueles indivíduos que torcem para um clube local e para outro de fora da cidade (Campos; Toledo; 2013; Vasconcelos, 2014). No Rio Grande do Sul, via de regra, diferentemente de muitos outros lugares no Brasil, devido à força da dupla Gre-Nal, quando há bifiliação, a mesma é influenciada pelos clubes de cidades menores, normalmente do interior, em consonância com os pertencimentos ao Grêmio e Inter. Nos casos aqui compreendidos, a bifiliação se dá entre clubes do mesmo estado, mas há, como mostra Vasconcelos (2011), adesões clubísticas que constroem torcedores/as ligados a um clube regional ao mesmo tempo em que torcem para outra equipe situada fora da região de origem. Existem casos, inclusive, de *trifiliação*, quando alguns torcedores/as se envolvem com clubes menores, geralmente de suas cidades natais, com agremiações de envergadura estadual e com outros de fora dos seus estados (Campos; Toledo; 2013).

As bifiliações, em Santa Maria, são compostas pelas identificações e alteridades que emergem das relações existentes entre as instituições futebolísticas locais e a dupla Gre-Nal. Dessa maneira, o imaginário do futebol santa-mariense e as identidades torcedoras são compostas por narrativas e práticas influenciadas, com efeito, pela *grenalização*. Habitualmente, quem torce para o Inter de POA (Sport Club Internacional) pertence ao Inter-SM (Esporte Clube Internacional), ao passo que quem torce para o Riograndense, pertence ao Grêmio Foot Ball Porto Alegrense. O Inter-SM, também conhecido como *Coloradinho* ou *Interzinho*, devido às cores, ao escudo e ao próprio nome, aproxima-se bastante da estética do Inter de Porto Alegre. Mesmo que a torcida alvirrubra local conte com gremistas, o imaginário e diversas narrativas torcedoras colocam em relevo esses sentidos. Em relação ao Riograndense, ocorre o mesmo, pois há colorados que são esmeraldinos. Ainda, existem os torcedores que só torcem para os clubes locais.

Essa rivalidade, ademais, provoca narrativas que procuram explicar o "fracasso" do futebol santa-mariense. Muitos torcedores, de ambos os quadros, acham que, pelo fato de o Inter-SM ser esteticamente muito parecido com o clube porto-alegrense, historicamente ocorreu uma cisão que não fortaleceu uma determinada consolidação esportiva apontada para participações frequentes das duas equipes em campeonatos gaúchos da série A.

O antagonismo Gre-Nal, mesmo que oriundo e efervescente na cidade de Porto Alegre, disseminou-se pelo Rio Grande do Sul e se assentou em todas as regiões. Essa força, a da *grenalização,* em consonância com idiossincrasias regionalizadas, especialmente no que se refere aos símbolos colorados de ambos os clubes chamados de Internacional, alicerça um peculiar espectro de pertencimentos clubísticos e alteridades, onde Grêmio e Inter de POA se misturam em afirmações de identidades e expressões de rivalidades com os clubes santa-marienses. Há, nesse cenário, uma indissociabilidade entre dupla Gre-Nal e dupla Rio-Nal, a qual reverbera em *conversões torcedoras*

(Costa; Toledo, 2021), e *pertencimentos clubísticos* (Damo, 1998)[12]. Rio-Nal é o nome do *derby* e maior clássico futebolístico da cidade.

A imagem seguinte, extraída de conversa via aplicativo de mensagem com um torcedor organizado do Dense, é um exemplo das circunstâncias bifiliadas que alicerçam um espectro de rivalidades grenalizado.

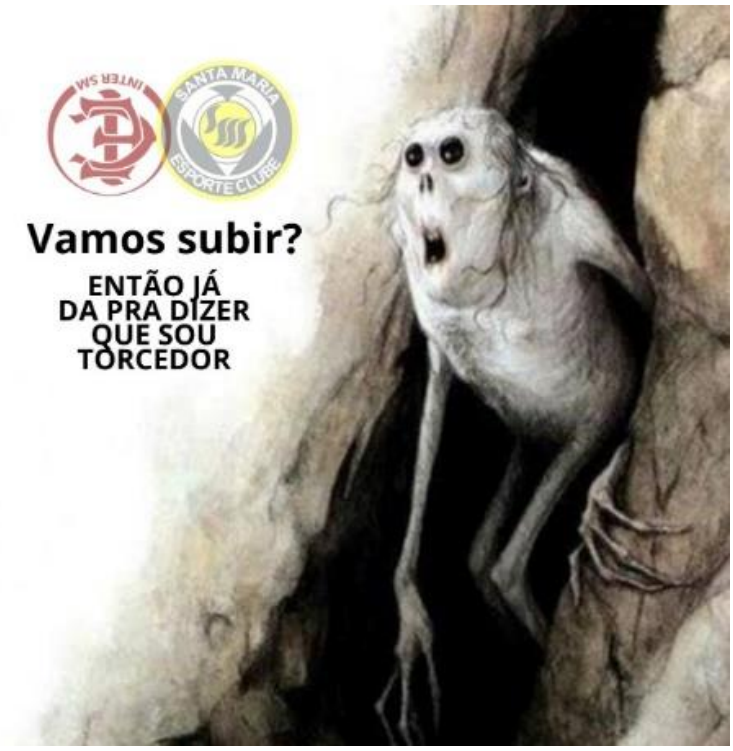

Figura 7: Print de imagem provocativa de um torcedor do RFC. Fonte: Acervo pessoal do torcedor Caio.

A imagem acima, que traz a frase "Vamos subir? Então já dá pra dizer que eu sou torcedor", é interessante para a presente discussão. Além do conteúdo da frase, que diz respeito a uma provocação comum sobre quem torce mais ou menos, a arte provocativa apresenta dois escudos, a saber: um, que está de cabeça para baixo, do Inter-SM, e outro, à direita, do Santa Maria Esporte Clube. Essa última agremiação corresponde a uma tentativa, realizada pelo próprio Inter-SM, em 2001, de se afastar das feições coloradas. Nesse processo, depois de polêmicas internas e entre muitas críticas da torcida, foi criado o Santa Maria E. C., que além do nome, contou com novo escudo, como vemos acima, e novas cores, as quais buscaram se afastar das presentes em Inter ou Grêmio. As escolhidas foram cinza e branco. Isso foi feito, principalmente, para instigar mais pessoas a comparecerem aos jogos, dinamizando o futebol do clube para além das influências coloradas e gremistas. Contudo, a nova formatação do clube não vingou, tendo durado apenas uma temporada na Divisão de Acesso da época.

[12] Não queremos, aqui, generalizar, pois há muitos torcedores/as que só torcem para os clubes da cidade ou para os grandes de Porto Alegre, porém essas preocupações foram levantadas no trabalho de campo e se mostraram relevantes para discussões sobre o futebol de Santa Maria, tanto entre torcedores organizados do Riograndense quanto entre torcedores comuns das duas principais equipes da cidade.

Com a não subida à série A do Gauchão, dirigentes se reuniram e, após assembleias, o nome e as cores antigas voltaram (Luz, 2008).

A provocação aqui analisada foi apresentada em conversa, que além da parte imagética, contou com as seguintes frases: "O único clube de Santa Maria é o Riograndense. O outro é o Inter Fake". "Nem nome eles têm. Eles não têm identidade. São o Inter Fake". Essas frases, corriqueiras entre alguns torcedores organizados, demonstram a insatisfação de o rival ser um clube chamado Internacional. Para eles, um clube com identidade é o Riograndense, que mesmo que possua muitos torcedores gremistas, tem uma história marcada por "verdadeiras" raízes.

Nesse enquadramento de identidades e alteridades, preocupações e possíveis soluções para o futebol local foram sugeridas por determinados torcedores comuns que circundaram a etnografia, a saber: "Como é possível que Santa Maria não tenha um time sequer na série A do Gauchão? O Riograndense está nessa situação pelo fato de termos dois times na cidade. Tinha que ter um só! Aí sim estaríamos bem representados!". "O Inter-SM tinha que mudar de nome para que mais torcedores fossem ao estádio!". "Riograndense e Inter-SM tinham que se unir. Fazer uma fusão dos dois clubes". "Como Santa Maria, uma cidade de quase trezentos mil habitantes, não tem um time que jogue sempre a Série A do Gauchão? Isso é um absurdo! A gente vê times de cidades bem menores jogando, competindo e se mantendo". (Trechos do diário de campo de Bonez).

Diante do exposto, depreende-se que o caráter bifiliado reverbera em diferentes tipos de torcedores, envolvendo sugestões, concepções e provocações alinhadas à dupla Gre-Nal e aos símbolos envolvidos e oferecidos por cada clube.

Os cânticos da barra Ferroviários 78, apresentados a seguir, situam-se nesse terreno bifiliado e representam a aglutinação entre formas de torcer forjadas pelas influências gremistas e identidades localizadas.

Composição nº 1

Chega os borrachos da estação.

Ferroviários!

Essa banda que canta sem parar.

Riograndense vamos a ganhar![13]

Essa letra conecta os ferroviários e a identidade ferroviária com os "borrachos", palavra oriunda do espanhol que significa embriagado, ébrio ou bêbado. Esse termo é utilizado em demasia por membros da Geral do Grêmio, torcida conhecida por ser formada pelos "borrachos". Podemos visualizar isso no fragmento da música "Eu sou borracho sim senhor", cantada pela Geral em praticamente todos os jogos na Arena do Grêmio. A propósito, o lema da Geral, também presente entre os esmeraldinos da Ferroviários, é "Trago, Alento e Amizade". Nessa configuração, entre outros pontos

[13] Link do Youtube com o cântico apresentado nas arquibancadas dos Eucaliptos: https://www.youtube.com/watch?v=7KpcwjCCghQ.

importantes, destaca-se a lealdade, o apoio irrestrito, a masculinidade e a "coragem de se embebedar e se sacrificar em nome do time" (Rodrigues, p.35).

> Composição nº 2
>
> No bairro da estação,
>
> Há uma banda
>
> Que te apoia e te alenta até o final.
>
> Nas boas é a que sempre te acompanha.
>
> E nas más cada vez te quero mais!
>
> E agora estou dominado pelo álcool!
>
> Dale ôôôô!
>
> Somos sempre os borrachos da estação![14].

Esse cântico nos brinda com significativas menções, trazendo referências à estação, mais uma vez, ao alento[15] e à paixão duradoura sem que haja títulos e vitórias por trás. Ademais, menciona a relação com o álcool, muito importante para inúmeros torcedores. A categoria *Aguante*, aqui, elucida essa questão. Beber muito e estar "dominado pelo álcool" é, também, aguentar a embriaguez, ou seja, resistir e seguir apoiando o clube, independente da situação.

A categoria *Aguante* provém do universo das barras argentinas e se assemelha ao que pode ser entendido como espécie de resistência. Concerne com sacrifícios que emergem do apoio de torcedores organizados (das barras) aos seus clubes, apresentando uma significância atrelada às resistências em relação às longas viagens, ao apoio em qualquer situação, às adversidades presentes em situações que contornam o torcer e o acompanhamento das equipes (Albarces; Zucal; Moreira, 2008). Em relação a Ferroviários 78, por ter sido uma barra, essa categoria mostrou-se pertinente.

A Zona Norte na construção da identidade esmeraldina

Toledo (2010, p. 184), refletindo sobre a identidade torcedora, exprime o seguinte:

> Em tese, ela estaria associada menos aos marcadores sociais de classe e ideológicos e mais às relações societárias primárias, frequentemente manifestadas no interior das famílias, das parentelas, dos círculos de amizade (bairros, escolas, clubes etc.), ao estatuto de pessoa em jogo,

[14] Link do Youtube com o cântico: https://www.youtube.com/watch?v=MNCe0xFtwWg.

[15] Palavra comum entre torcedores organizados no Rio Grande do Sul, notadamente oriunda de influências platinas. Segundo Oliveira (2023, p. 108): "*alento* era vinculado a uma expressão utilizada pelas torcidas da Argentina e do Uruguai para mostrar a sua festa na arquibancada, cujo significado é demonstrar apoio para a equipe durante o jogo todo, até mesmo quando se está perdendo".

> até no exercício contínuo das relações contrastivas de gênero, enfim, lugares privilegiados em que nascem as disposições para torcer.

No tocante aos torcedores do RFC que participaram da etnografia, identidades estão inseridas em narrativas, práticas de sociabilidade, cânticos, entre outras manifestações, que emergem de pertencimentos aos bairros da Zona Norte de Santa Maria, cujas características são estabelecidas pelo espaço social ferroviário.

Nesse ambiente, conforme as interpretações de narrativas e cânticos, fica evidente que o *pertencimento clubístico* (Damo, 1998) dos esmeraldinos aqui apresentado refere-se demasiadamente a uma *comunidade de sentimento* conformada por heranças contidas nos redutos ferroviários. Ainda, para além das glórias esportivas e do clube em si, o *pertencimento torcedor* (Souza Júnior, Andrade, Toledo, 2021) também é afetado por vínculos nos quais, por exemplo, sociabilidades praticadas na Zona Norte produzem significados importantes.

Sendo assim, podemos dizer que parte da torcida esmeraldina exibe uma identidade ferroviária incitada pelos lugares experienciados, em detrimento de outras relações com o passado ferroviário. Torcedores organizados, especialmente, mesmo que tenham parentesco com antigos ferroviários, elaboram suas narrativas de modo a salientar sociabilidades e identidades torcedoras de outra forma. Alguns são parentes de ferroviários aposentados, ou têm familiares que trabalharam na ferrovia, outros não tem parentesco, porém todos demonstraram compartilhar referências e um imaginário ferroviário recorrendo a afetividades territoriais.

Conforme Yi-Fu Tuan (1983), existem relações emocionais inseridas nos modos como pessoas se conectam com o lugar. Segundo este geógrafo sino-americano, *lugar* diz respeito, diferentemente do *espaço*, o qual é mais abstrato, a uma dimensão da experiência engendrada por sentidos atribuídos pelas relações, experiências e percepções. Nessa perspectiva, *lugar* é constituído de valores (Yu-fu Tuan, 1983). Dentro do mesmo prisma, o conceito de *topofilia*, criado pelo referido geógrafo, adequa-se ao corpus empírico aqui exposto, oferecendo-nos proveitosa lente, desde uma geografia humanista, capaz de focalizar nas relações entre seres humanos e ambiente físico sob um ângulo no qual os pertencimentos a um lugar são importantes. Isso se dá, pois "*topofilia* é um elo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal" (Tuan, p. 4, 1988). Relaciona-se a isso, de forma contrastante, o conceito, também de Tuan, de *topofobia*, que diz respeito a uma aversão ao lugar (Souza Júnior; Souza, 2025).

Como podemos perceber entre os torcedores do RFC, as experiências e afetividades expressadas pelas narrativas e práticas são deveras significativas. As conexões com o *lugar*, nesse sentido, fizeram, inclusive, com que jogos, ídolos, clássicos e outras memórias esportivas fossem diluídas e aglutinadas a relações territoriais de uma Zona Norte rememorada e praticada.

Candau (1996), na obra *Antropología de la Memória*, diz-nos que a memória, em seu aspecto ambivalente, que conta com esquecimentos e lembranças, é central para a constituição da sociedade, pois a mesma gera laços, alianças e identidades, sejam elas individuais ou coletivas, que orientam o ser humano em detrimento da imediatez. Sob esta ótica, deparamo-nos com uma afirmação insuspeita: não há identidade sem memória, porque esta última proporciona a autoconsciência na duração (Candau, 2011).

Os vínculos apresentados em narrativas de si, cânticos e práticas de sociabilidade, assemelham-se, também, ao que sugere Magnani (2003) com a consagrada noção de *pedaço* (Magnani, 2003), pois a

mesma abarca, na esteira de uma delimitação territorial envolvida por relações sociais, um lugar marcado por encontros e passagens que: "combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc" (Magnani, 1992, 193). O *pedaço*, desse modo, diz respeito a um espaço intermediário situado entre a casa e a rua, no qual existem sociabilidades mais amplas e mais densas que aquelas inseridas em laços familiares, além de serem mais significativas em relação à formalidade e às imposições individualizadas da sociedade (Magnani, 2003)

Sincronicamente, a noção de *regiões morais* ergue-se para o presente debate. Para Robert Park, sociólogo da primeira geração da Escola Sociológica de Chicago, a cidade, sob reflexões da Ecologia Urbana, é concebida enquanto entidade vivente alicerçada pelos hábitos e costumes de seus habitantes. Dessa maneira, aquilo que é conduzido pelos habitantes, que fazem um bairro ou região ser de determinado tipo, com um caráter próprio, corresponde às *regiões morais* (Park, 1999). Sob o prisma dessa categoria, o bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Zona Norte de Santa Maria, anunciam-se enquanto lugares social e materialmente alicerçados por atributos específicos, os quais constroem sentimentos, uma tradição e uma história próprias (Park, 1999).

Com o que está colocado acima, na interação entre dados etnográficos e bibliográficos, percebemos que o caráter do bairro, ou mais especificamente, da Zona Norte ferroviária, tem papel fulcral nas construções de identidades entre torcedores do Riograndense. Também nota-se que a centralidade territorial, animada pelas memórias de práticas de sociabilidade, enquadra-se sob dinâmicas outrora realizadas entre a casa e a rua, entre a casa e o estádio, bem como entre a casa e as estradas de ferro. Lugares estes valorizados e afetivamente vivos nas memórias e práticas torcedoras.

Nostalgia e identidade

O que foi construído empiricamente nesta pesquisa pode, com efeito, ser compreendido por intermédio de conceituações sobre a nostalgia. Isso ocorre, pois o Riograndense não conta com equipe profissional desde 2017, fato que é encarado como uma ruptura por inúmeros torcedores. Nessas circunstâncias, os tempos da ferrovia também contribuem para a presença de narrativas saudosistas.

Há, nesse cenário etnográfico, uma frequente conduta torcedora que rememora de forma nostálgica práticas do torcer, jogos, ídolos, sociabilidades etc. São comuns menções a um passado ferroviário que, infelizmente, não volta mais. Assim como são costumeiros os apontamentos saudosistas acerca do que acontecia em interações sociais no Estádio dos Eucaliptos e nas redondezas em períodos de futebol profissional. Isso ocorre devido aos fechamentos e crises que ocasionaram "fins", tanto ferroviários quanto esportivos. A nostalgia se alimenta e emerge dessas interrupções, pois está atrelada a sentimentos de perda e descontinuidades (Angé; Berliner, 2015).

A nostalgia, ao longo do tempo, foi conceituada de maneiras diferentes, partindo de uma definição médica e patológica[16] até vertentes que a concebem enquanto fenômeno cultural e postura crítica frente ao que está situado em um passado inalcançável. A palavra veio do grego, na qual *nostos* significa, aproximadamente, saudade de casa (vontade de retornar) e *algia*, uma condição dolorosa.

[16] O médico Johanes Hofer, no final do século XVIII, tratando de soldados suíços que estavam em guerra, criou a palavra nostalgia, no intento de dar conta de problemas de saúde apresentado pelos combatentes, cuja extrema saudade de casa era causadora de sofrimento (Davis, 1979).

Nostalgia, portanto, em sua primeva definição, pode ser compreendida como uma dolorosa saudade de casa (DAVIS, 1979).

Posteriormente, pensadores/as de áreas distintas apresentaram reflexões outras que desenvolveram novas noções sobre o que seria a nostalgia. Davis (1979), por exemplo, exprimiu a ideia de que a nostalgia é essencialmente humana e um fenômeno em que o passado é o objeto. Dentro disso, esse sociólogo estadunidense sugeriu que a nostalgia é um fenômeno profundamente social ligado à produção de identidades e às descontinuidades e continuidades que conformam os sentidos sobre si mesmos dos sujeitos.

Há, também, posturas que entenderam a nostalgia como espécie de má história e como uma condição de esgotamento da história, do progresso e da utopia, como as críticas de Frederic Jameson, por exemplo (Mauro, 2022; Bogalheiro, 2020).

Na obra "Anthropology and nostalgia" (2015), organizada por Angé e Berliner (2015), a ideia de que a nostalgia é um tipo de saudade a algo não mais alcançável e que emerge de forma relacional foi sugestionada. Nesse sentido, a nostalgia, enquanto prática cultural e sentimento culturalmente construído, pode ser resumida como apego ao passado e enquanto fenômeno relacionado a perdas. O sentimento de quebra, a descontinuidade, e, com efeito, a percepção de rupturas, fazem-se presentes em narrativas saudosistas em diferentes contextos (Angé & Berliner, 2015).

Cashman (2018), de acordo com pesquisa etnográfica realizada na Irlanda do Norte, oferece-nos uma noção de nostalgia em que a mesma é compreendida não como mal-estar moderno, mas como fenômeno que pode ter um viés crítico se adequadamente balizado por esforços etnográficos. Esse estudo realizado em localidade chamada Vale Derg, descreve os usos da cultura material do passado enquanto dinâmicas benéficas percebidas pela comunidade. Também, mostra-nos posturas críticas que reafirmam identidades na esteira de práticas nostalgicamente apontadas para o futuro, ou seja, não apenas situadas no contexto de um passado irrecuperável. Assim, o autor apresenta a noção de *nostalgia crítica*.

O conteúdo etnográfico apresentado acima pode ser entendido como envolvido por expressões nostálgicas, uma vez que trata de identidades almejadas em um passado e apontadas ao futuro através de práticas de reafirmação. O saudoso domingo, do cântico da T.O.R, e a materialidade ferroviária dos cânticos da Ferroviários 78, são exemplos disso. Aqui, a nostalgia da ferrovia se situa de maneira crucial, pois a mesma, o trabalho ferroviário e as sociabilidades dos redutos ferroviários são elementos presentes em narrativas saudosistas de muitos torcedores esmeraldinos. E não somente entre os organizados.

O universo ferroviário, em Santa Maria, é marcado por contar com dinâmicas evocativas de expressões narrativas acerca de temporalidades da ferrovia (Zanini, 2013). Com isso, os tempos áureos, o auge, os tempos de ouro do trabalho ferroviário, entre outras menções, são presenças constantes no imaginário santa-mariense e em muitas narrativas e narrativas de si, as quais, eventualmente, dizem respeito a memórias "por tabela" (Pollak apud Zanini), ou seja, sem que a experiência passada tenha acontecido. A ferrovia e o futebol, como acontece em muitas relações que envolvem o Riograndense, mesclam-se enquanto sentimentos e práticas nostálgicas. E esse envolvimento produz identidades engendradas e vetorizadas em direção ao futuro, pois algumas narrativas, sociabilidades e cânticos são práticas nostálgicas que podem ser compreendidas pelo viés da *nostalgia crítica* apresentado por Cashman (2018). Assim, quando torcedores organizados da T. O. R narraram de forma saudosista sobre antigas sociabilidades, demonstrando sentir falta de antigas sociabilidades, miraram no futuro por meio do passado e apontaram para a tão sonhada volta do futebol profissional do RFC.

Considerações finais

Este artigo buscou, principalmente pelo que foi apresentado por torcedores organizados, ressaltar uma realidade futebolística conformada por heranças ferroviárias, pertencimentos territorialmente conformados, rivalidades marcadas por bifiliações clubísticas e sentimentos nostálgicos cujas expressões aparecem em narrativas de si, cânticos e práticas de sociabilidade. Mesclados com a história da cidade, de seu passado ferroviário e de toda uma sociabilidade que não mais existe, os pertencimentos e vinculações remetem a experiências compartilhadas que necessitam de intercruzamentos entre estes elementos para serem interpretadas e compreendidas.

De acordo com o que foi produzido nesta pesquisa, além de suas particularidades, o texto procurou colocar em relevo a importância de análises etnográficas acerca de manifestações mnemônicas provenientes de torcedores/as de clubes pequenos e do interior. Frente a um passado ferroviário constantemente invocado, observa-se o quanto a história da cidade se mistura com a história ferroviária e tudo o que dela derivou, como o futebol. Por esse ângulo, salienta-se o quanto este viver com uma nostalgia, que vai ao passado para mirar no futuro, é acionador de práticas que dialogam com o cenário urbano de Santa Maria.

Por fim, chamamos a atenção para o papel da nostalgia na presente discussão. Esse sentimento e prática cultural compõe e anima elementos cruciais para o entendimento de questões relacionadas ao torcer e às identidades torcedoras, sobremaneira no que tange aos clubes que, porventura, enfrentam dificuldades para manter uma constância no âmbito competitivo de um futebol realizado longe das grandes cifras e da grande mídia.

Referências

ALBARCES, Pablo.; ZUCAL, José Garriga; MOREIRA, Mará. Verónica. El "aguante" y las hinchadas argentinas: uma relación violenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 113-136, jul./dez., 2008. Acesso em: 05 dez. 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/FMp5jPHyfXdmCkwBwjTS5rb/

ANGÉ, Olivia.; BELINER, David. Introduction. *In.*: ANGÉ, O.; BERLINER, D. (Org.). **Anthropology and nostalgia**. Oxford: Berghahn Books, 2015.

ALVEZ, Gilson. Confirmamos a volta do futebol profissional. É uma vontade de todos no clube", afirma dirigente do Riograndense. **Diário de Santa Maria**. 8 mar. 2024. Acesso em: 23 dez. 2024. Disponível em:https://diariosm.com.br/esportes/_confirmamos_a_volta_ao_futebol_profissional_e_uma_vontade_de_todos_no_clube__afirma_dirigente_do_riograndense.580343

BOGALHEIRO, Manuel. Nostalgia, o cancelamento do futuro e o arquivo paradoxal. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 52, p. 105-124, 2020. Acesso em: 20 out. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/43167559/Nostalgia_o_cancelamento_do_futuro_e_o_arquivo_paradoxal

BONEZ, Mateus Cordenonsi. "**Futebol é amor e saudade": uma etnografia com torcedores de futebol**. 2024. 303 f. Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais) — Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**. Ouro Preto: Edufop, p.153-165, 2017.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 123-138, set./nov., 2013. Acesso em: 20 out. 2024. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76307

CANDAU, Joël. **Antropologia de La Memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDOSO, Trícia Andrade; FRANCHI DA SILVA, Juliana. As Periquitas: Torcida Feminina do Riograndense Futebol Clube de Santa Maria-RS. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais** [...], Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-7. Acesso em: 23 set. 2024. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br › anais

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **O belo e suas torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba**. 2019. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPB, João Pessoa, 2019.

CASHMAN, Ray. Critical Nostalgia and Material Culture in Northern Ireland. **The Journal of American Folklore**, *s. l.*, v. 119, n. 472, p. 136-60, 2006. Acesso em: 02 out. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236794771_Critical_Nostalgia_and_Material_Culture_in_Northern_Ireland

CRAPANZANO, Vincent. **Tuhami: Portrait of a Moroccan**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

DAMO, Arlei Sander. Paixão partilhada e participativa – O caso do futebol. **História: Questões & Debates,** Curitiba, n. 57, p. 45-72, jul./dez. Editora UFPR, 2012. Acesso em: 21 out. 2024. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30571

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 255 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DAVIS, Fred. **Yearning of yesterday: a sociology of nostalgia**. New York. The Free Press, 1979.

DIVERIO, Rafael. Riograndense-SM desiste de continuar na Terceirona. **Zero Hora**. 1 jun. 2017. Acesso em: 23 dez. 2024. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/06/riograndense-sm-desiste-de-continuar-na-terceirona-9806195.html

DUNNING, Eric. The social roots of football hooliganism: a reply to the critics of the 'Leicester School'. In: GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, N.; HEPWORTH, M. (Ed.). **Football, violence and social identity**. London: Routledge, p. 128-157, 2006.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Profissão e experiências sociais entre trabalhadores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul em Santa Maria (1898-1957)**. 2005. 586 f. Tese (Doutorado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2005.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

FRANCHI DA SILVA, Juliana. 2013. **Mulheres por trás dos trilhos: história, oralidade, educação, trabalho e política nas famílias ferroviárias do RS**. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Santa Maria**, s.d. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama.

LIMA, Taiane Anhanha. **Clubes negros de futebol em Santa Maria no pós-abolição (1919-1932)**. 2023. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

LESSA, Ana Caroline. Categorias do torcer e participação feminina em uma torcida chopp carioca. **Ambivalências**. V.12 n. 24, p 57-70, 2024. Acesso em: 16 dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/issue/view/n24

LUZ, Candido Otto da. **Almanaque dos 80 Anos – E.C. Internacional**. Santa Maria, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: Pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia Urbana**. São Paulo, USP, v. 35, p. 191-203, 1992. Acesso em: 02 out. 2024. Disponível em: https://revistas.usp.br/ra/article/view/111360

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura e lazer na cidade. 3a. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

MALAIA, João Manuel Casquinha Santo. "Recordar é viver!": cânticos de torcida, memória e fontes orais. **História Oral**, v. 24, n. 2, p. 89-104, jul./dez, 2021. Acesso em: 26 set. 2024. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1191

MALAIA, João Manuel Casquinha Santos; OLIVEIRA, Elias Cósta de. "Sou gaúcho e peleador": barras bravas no Rio Grande do Sul e a hegemonia nas arquibancadas gaúchas. *In*: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Gérson Wasen Fraga; Miguel Enrique Stédile; Rafael Hansen Quinsani. (Org.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma História Social do futebol (e outras coisas...)**. v. 1. 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, p. 315-338, 2021.

MAURO, Joey. Black Historiography Versus the "Nostalgia Mode": Exploring the Limits of Fredric Jameson's Postmodern Critique Through Toni Morrison's Beloved. **The Albatross**. University Of Victoria English Undergraduate Journal, v. 12, 2022. Acesso em: 15 set. 2024. Disponível em: https://journals.uvic.ca/index.php/albatross/issue/view/1535

MELLO, Luiz Fernando da Silva. **O imaginário do espaço e o espaço do imaginário – A ferrovia em Santa Maria, RS.** 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

OLIVEIRA, Elias Cósta de. **"Paso al Costado": Uma história do processo de constituição das barras e a platinização do torcer no Rio Grande do Sul (2001-2011)**. 2023. 160f. Dissertação (Mestrado em História) — Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

PARK, Robert Ezra. **La ciudad y otros ensayos de ecologia urbana**. Barcelona: Ed. Serbal, 1999.

PINTO, Vinicius Teixeira. **Sociedades do torcer - uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 2022.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho e ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral *et al.* (Org.). 2012. **Riograndense Futebol Clube: No coração do gaúcho, cem anos do rubro-esmeraldino**. 1a. ed. Santa Maria: NEP/UFSM, v. 1, p. 87-92.

TITELMEYER, *et al.* A vitoriosa história do Riograndense Futebol Clube, de Santa Maria, RS. *In*: FLÔRES, J. R. A. (Org.). **Riograndense Futebol Clube: No coração do gaúcho, cem anos do rubro-esmeraldino**. 1. ed. Santa Maria: NEP/UFSM, v. 1, p. 45-86, 2012.

TITTELMEYER *et al.* Símbolos eternos em 100 anos de glórias. *In*: FLÔRES, J. R. A. (Org.). **Riograndense Futebol Clube: No coração do gaúcho, cem anos do rubro-esmeraldino**. 1. ed. Santa Maria: NEP/UFSM, v. 1, p. 93-131, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 163, p. 175-189, 2010. Acesso em: 02 set. 2024. Disponível em: https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19175.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: ANPOCS/Autores Associados, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de; ANDRADE, Marianna.; SOUZA JUNIOR, Roberto. Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol. **Esporte e Sociedade**, São Paulo, ano 14, n. 34, p. 1-28, 2021. Acesso em: 20 out. 2024. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/52118

SANTOS, Luis Gustavo. Riograndense desiste da disputa da disputa da Terceirona gaúcha 2024. **Diário de Santa Maria**. Acesso em: 23 dez. 2024. Disponível em: https://diariosm.com.br/esportes/_riograndense_desiste_da_disputa_da_terceirona_gaucha_2024.595188

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de.; SOUSA, Alexsandro Costa de. Topoapatia, topofilia e topofobia: aberturas emocionais dos lugares. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 21, n. 1, p. 74-101, 2025. Acesso em: 09 jul. Disponível em: https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.80845.

TUAN, Yi-Fu. ***Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar – A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VASCONCELOS, Artur Alves de. Eu tenho dois amores em que nada são iguais: Bifiliação clubística no Nordeste. **Ponto Urbe**. V. 14, p. 14 – 41, 2014. Acesso em: 02 nov. 2024. Disponível em: https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/220814

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística**: os torcedores "Mistos" do Nordeste. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

ZANINI, Maria Chitolina. "Como posso ter saudades de um tempo que não vivi?": reflexões acerca da força evocativa de uma memória ferroviária na cidade de Santa Maria – RS. **História: Debates e Tendências,** Passo Fundo/RS, v. 13, n. 2, jul./dez., p. 306-313, 2013. Acesso em: 12 nov. 2024. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552456388006